

A RESSIGNIFICAÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO TÉCNICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

REDEFINING TEXT GENRES IN TECHNICAL EDUCATION: EXPERIENCE REPORT

*LA RESIGNIFICACIÓN DE LOS GÉNEROS TEXTUALES EN LA EDUCACIÓN TÉCNICA:
RELATO DE EXPERIENCIA*

Paula Almeida Morato de Laet¹
Daiane Vithoft de Almeida²

Resumo

As aulas de português no ensino técnico demandam uma abordagem crítica, devido às mudanças na sociedade e no mercado de trabalho. Neste contexto, a presente pesquisa é um relato de experiência em sala de aula; para tal, utilizou-se a metodologia ativa Aprendizagem Baseada em Problemas nas aulas de Linguagem, Trabalho e Tecnologia. O estudo é de caráter qualitativo e relaciona a pesquisa bibliográfica à observação da prática. Os resultados alcançados propiciaram: uma reflexão de temas cotidianos; o exercício da convivência social; e a produção de documentos adequados à realidade dos alunos. Para futuros estudos, sugere-se a investigação da formação cultural dos professores do ensino técnico; além disso, indica-se o aprofundamento em gêneros textuais — com ênfase nas novas tecnologias utilizadas no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Educação profissional. Gêneros textuais. Debates sociais. Prática de aula.

Abstract

Portuguese classes in technical education need a critical approach, due to changes in society and in the labor market. In this context, the present research is an experience report in classroom; for this purpose, the active methodology Problem-Based Learning was used in Language, Work and Technology classes. The study is of a qualitative character and relates the bibliographic research to the observation of the practice. The results achieved led to: a reflection of everyday themes; the exercise of social coexistence; and the production of documents appropriate to the students' reality. For future studies, it is suggested to investigate the cultural training of teachers in technical education; in addition, there is a need to deepen the approach to textual genres – focused at new technologies used in the labor market.

Keywords: Professional education. Text genres. Social debates. Classroom practice.

Resumen

Las clases de portugués en la educación técnica exigen un acercamiento crítico, dados los cambios en la sociedad y en el mercado de trabajo. En ese contexto, esta investigación es un relato de experiencia en el aula; para ello, se utilizó la metodología activa Aprendizaje Basado en Problemas, en las clases de Lenguaje, Trabajo y Tecnología. El estudio es de carácter cualitativo y relaciona la investigación bibliográfica con la observación de la práctica. Los resultados alcanzados permitieron: la reflexión sobre temas cotidianos; el ejercicio de la convivencia social; y la producción de documentos adecuados a la realidad de los alumnos. Para futuros estudios, se sugiere investigar la formación cultural de los profesores de la educación técnica; además, se indica la profundización en géneros textuales — con énfasis en las nuevas tecnologías utilizadas en el mercado de trabajo.

Palabras-clave: Educación profesionalizante. Géneros textuales. Debates sociales. Práctica en clase.

¹ Tecnóloga em Automação de Escritórios e Secretariado pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo e licenciada em Pedagogia pela Faculdade Paulista São José. Mestra em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional em 2020 pelo Centro Paula Souza. E-mail: paulaamorato@gmail.com.

² Graduada em Letras no ano de 2005 na instituição Santa Cruz, pós-graduada em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, Pós-graduada em Deficiências Múltiplas. E-mail: daianevithoftdealmeida1187@gmail.com.

1 Introdução

A educação profissional é pautada pela formação para o trabalho; contudo, as atuações laborais têm ficado cada vez mais complexas, a partir das interações que a tecnologia proporciona. Dessa forma, proporcionar aos alunos formação para reflexão sobre as informações que circulam na internet é cada vez mais importante, para atuação desses indivíduos no mercado de trabalho.

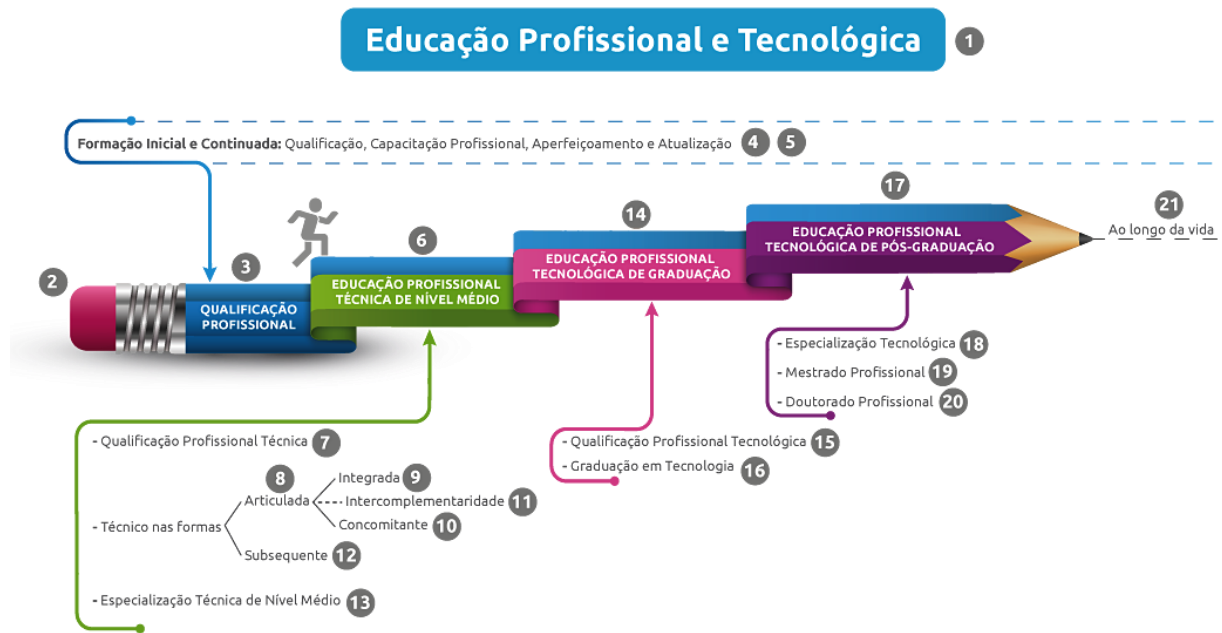
Assim, para os professores da educação profissional, é fundamental desenvolver metodologias para atuação em sala de aula, com o intuito de estimular o pensamento crítico desses alunos. Formar professores para trabalhar novos contextos pode ser um caminho para o estímulo de práticas de discussão da sociedade em que esses futuros profissionais estão inseridos.

O objetivo desta pesquisa é apresentar experiência de prática em sala de aula usando a metodologia ativa Aprendizagem Baseada em Problemas nas aulas de Linguagem, Trabalho e Tecnologia. Esse componente de estudo é comum a todos os cursos ofertados no Centro Paula Souza, que trabalha os conceitos de linguagem e práticas de língua portuguesa.

O Centro Paula Souza (CPS) é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Presente em 322 municípios, a instituição administra 223 Escolas Técnicas (Etecs) e 73 Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais, com mais de 300 mil alunos em cursos técnicos de nível médio e superiores tecnológicos (CENTRO PAULA SOUZA, 2020, n.p.).

É importante ressaltar que os cursos técnicos estão regulamentados pela Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, denominada Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que traz a BNCC como referencial para composição curricular dos cursos de ensino médio. Um dos itinerários da BNCC é justamente a formação técnica e profissional que deve estar em consonância como o Catálogo Brasileiro de Ocupações (CBO) ou com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT).

Figura 1: Esquema da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil.



No bojo da BNCC, tem-se a indicação da necessidade de desenvolvimento da seguinte competência:

Proporcionar uma cultura favorável ao desenvolvimento de atitudes, capacidades e valores que promovam o empreendedorismo (criatividade, inovação, organização, planejamento, responsabilidade, liderança, colaboração, visão de futuro, assunção de riscos, resiliência e curiosidade científica, entre outros), entendido como competência essencial ao desenvolvimento pessoal, à cidadania ativa, à inclusão social e à empregabilidade (BRASIL, 2018, p. 466).

Justifica-se, assim, a necessidade de explorar situações e ocorrências do mundo em que os indivíduos de cursos técnicos estão inseridos. Debater, discutir e gerar um produto coletivo, a partir desta discussão, trará para o alunado base para que desempenhem cada vez mais sua cidadania, mas no caso do ensino profissional, que consigam aprender a desenvolver competências exigidas pelo mercado de trabalho, como: liderança, colaboração e resiliência.

2 A formação profissional no século XXI

O presente artigo aborda a necessidade de contextualização de gêneros profissionais no ensino técnico, através de situações problemas da atualidade. A resolução desta problemática se desenvolve através de debates entre todos os membros da sala.

Delors (2012) aponta a necessidade de uma educação voltada para a convivência social, aliada a exigência do “saber fazer”. Isso direciona as unidades de educação a uma formação capaz de desenvolver o aluno para as exigências da vida, seja na sua atuação política,

profissional ou familiar. O autor aponta, também, como principais diretrizes para a educação no século XXI, a educação para a cidadania. Tal necessidade, de enfatizar o exercício da cidadania, se faz presente por conta das novas tecnologias, principalmente, as redes sociais. Nestes espaços, todos podem expressar suas opiniões, porém nem sempre são embasadas em um conhecimento do tema específico que está em discussão.

Nas redes sociais, os conteúdos são feitos de forma conjunta, com a interatividade que as novas tecnologias e a internet têm propiciado — o que faz com que a informação flua de forma mais rápida e sem controle.

As redes também têm incitado muitas discussões, principalmente na disseminação de informações falsas que podem estimular ações problemáticas e sem controle por aqueles que fazem parte dessa construção; por exemplo, pode-se citar o caso da morte de Fabiane Maria de Jesus, que em 2014 teve sua foto circulando nas redes sociais sob a acusação de sequestrar crianças para práticas de rituais de bruxaria. A população vizinha se viu responsável por fazer justiça com as próprias mãos e, após linchamento, Fabiane veio a falecer (RIBEIRO, 2014).

As empresas também não estão a salvo dessas falsas notícias que circulam na rede. Em 2016, a empresa Itambé também se viu envolvida em uma grande confusão causada pelas notícias que circulam nas redes. Uma criança de dois anos morreu após ingerir achocolatado envenenado. Logo, as fotos do caso “viralizaram” na rede, culpando a empresa pela morte do garoto. Somente após alguns dias ficou provado que uma pessoa colocou o veneno no achocolatado a fim de usar como “isca” para um possível assaltante. O problema é que a imagem da empresa já estava totalmente comprometida após milhares de pessoas terem visto os posts nas diversas redes. Recompôr essa imagem levou um longo tempo (CALDAS, 2016).

Este contexto mostra a necessidade de que as pessoas sejam educadas para saberem se portar nas redes, respeitar as diferenças, principalmente questionando a veracidade das informações que estão sendo disponibilizadas. Não raro são as notícias nos jornais e revistas mostrando profissionais compartilhando fotografias, bem como, situações próprias do ambiente de trabalho em suas redes sociais, o que traz um grande desconforto para a empresa e, conseqüentemente, mancha a imagem do trabalhador frente ao mercado de trabalho como um todo.

Termos como *fake News* foram incorporados à rotina e os educadores, como responsáveis pela curadoria de conteúdos, precisam de ferramentas para mostrar aos seus alunos como lidar com essa nova realidade. Rojo (2013) aponta a necessidade de trazer para as salas de aula as produções digitais, já que podem fazer com que o conhecimento flua de forma mais concreta para o aluno.

Quando se trata de ensino técnico, essa abordagem tem um fio condicionante que é o mercado de trabalho. O que o mercado quer desse profissional é o que a educação profissional postula; nessa perspectiva, Beck (2011) se mostra preocupado com os rumos da escola profissional.

As diversas formas de trabalho criadas a partir da disseminação da tecnologia, principalmente no que concerne à internet, apontam que a ressignificação da escola é mais do que necessária.

Art. 5º Os cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio têm por finalidade proporcionar ao estudante conhecimentos, saberes e competências profissionais necessários ao exercício profissional e da cidadania, com base nos fundamentos científico-tecnológicos, sócio-históricos e culturais (BRASIL, 2012, p. 2).

Além das mudanças tecnológicas, a globalização trouxe outros desafios. Nem sempre esse aluno encontrará emprego ao final da sua formação, mas, ainda assim, sem essa formação esse aluno não conseguirá acesso ao mercado de trabalho, pois só será selecionado se tiver passado pelos bancos escolares (BECK, 2011).

O empresariado brasileiro está cada vez mais convicto de que o grande esforço nacional para os próximos anos deve ser focado no aumento da escolaridade e na qualidade da oferta educacional nos diferentes níveis e modalidades. Existem razões de sobra para isso. Uma delas é que até o fim de 2015 será preciso qualificar 7,2 milhões de profissionais; outra é que 18 milhões de jovens brasileiros de 18 a 24 anos estão fora da universidade e não têm a qualificação necessária para ingressar no mundo do trabalho; além disso, entre os países mais ricos, 50% dos estudantes fazem Educação Profissional, sendo esse percentual no Brasil de apenas 13% entre jovens de 15 a 19 anos (RAMOS, 2013a, 2013b; SENAI, 2012). Em São Paulo, o estado mais rico da Federação, a proporção é mais elevada (15%), o que ainda é muito pouco, se comparado a outros países. Na Argentina, essa relação é de 25%; no Chile, 35%. Na Europa, os índices vão de 22% em Portugal a 70% na Alemanha (RAMOS, 2004, p. 11)

Menino (2014) traz os apontamentos feitos pelo Banco Mundial para que a educação possa construir uma Sociedade do Conhecimento:

- a) Papel emergente do conhecimento como principal orientação para o desenvolvimento econômico;
- b) Aparecimento de novos provedores de educação de nível superior num ambiente de *educação sem fronteiras*;
- c) Transformação dos modelos de demanda e de organização e na educação como resultado da revolução da informação e das comunicações;
- d) Crescimento das forças de mercado na educação e emergência de um mercado global para o capital humano avançado;
- e) Aumento das demandas por fundos para a reforma e desenvolvimento de educação;
- f) Reconhecimento da necessidade de uma visão equilibrada e compreensiva da educação como um sistema holístico que inclui não apenas a contribuição do capital humano na educação, mas também a construção crítica das dimensões humanística e

social do capital e seu papel como um importante bem público global (MENINO, 2014, p.73).

Não há como evitar a evolução para essa Sociedade do Conhecimento e, não havendo mais como fugir desse inevitável caminho, é necessário que o aparelhamento da educação seja adequadamente reestruturado, para que as pessoas consigam se estabelecer em novas funções. Os quatro cantos do planeta estão interconectados e, ao mesmo tempo, há sérios e incontornáveis “*gaps*”, porque as disparidades sociais são imensas; conforme os autores apresentados, não há como conceber um mundo sem educação permanente, constante, desafiadora e produtora de conhecimento. Por isso, saber se posicionar nos ambientes digitais e, principalmente, saber usar a informação que circula nesses ambientes de forma a desenvolver o pensamento crítico e a sua atuação no âmbito pessoal e profissional é uma necessidade cada vez mais latente no século XXI.

3 A resignificação dos gêneros profissionais através da metodologia ativa – aprendizagem baseada em problemas

A resignificação das metodologias utilizadas em sala de aula se torna um movimento para sobrevivência das escolas tradicionais. Nesta vertente, resignificar as aulas de língua portuguesa em cursos técnicos profissionais é mais do que apropriado para que o aluno entenda a necessidade de documentação, tanto em âmbito profissional quanto pessoal para exercício da sua cidadania.

Para isso, o ensino prático dos gêneros textuais pode partir do conhecimento que o aluno possui para a apropriação do que tal gênero textual se propõe. Não há como falar de gêneros textuais sem citar o russo Bakhtin (2016) — autor referência na abordagem da questão da linguagem aliada ao aspecto social em que está inserida. Assim, não há como dissociar o falante da fala e do ambiente em que ele convive socialmente.

Para Marcuschi (2008, p. 155),

[...] gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Portanto, a resignificação da abordagem do texto profissional no contexto do curso técnico, como já falado, é mais do que necessária. É importante ressaltar que mesmo que os cursos técnicos se situem na linha de formação do ensino médio, alunos com uma diversidade etária se encontram nessas salas de aula (PETEROSSO; MENINO, 2017); logo, buscar um ponto

que convirja o interesse de todo esse alunado pode trazer efetividade no processo de aprendizagem.

O aluno deve ser inserido no ambiente para o qual está estudando; é essencial que essa imersão seja feita de acordo com a sua realidade, pois, para que ele tenha condições de relacionar o novo conteúdo com o que sua atuação futura exigirá dele, ele necessita que o ponto de partida seja seu conhecimento prévio (STREET, 2014).

Diante da realidade exposta, é preciso que o professor se municie com ferramentas que conduzam o aluno a enfrentar problemáticas, para que se atinja o aprendizado. Rojo (2013) sugere o ensino através dos multiletramentos, ou seja, a capacidade de ler, escrever e produzir conteúdo em multiplataformas. A autora também sustenta que o aluno hoje não é um leitor passivo do conteúdo; ele é um produtor, pois tem condições de interagir com os novos textos, não só pelas redes sociais, mas, também, em diversas plataformas.

Já no contexto do ensino profissional, Lima (2018) defende que a abordagem de gêneros textuais no ensino técnico não deve ser entendida pelo aluno como uma simples revisão de português, mas sim como uma forma de aprimorar sua capacidade de comunicação na vida profissional e, conseqüentemente, impactar sua vida pessoal.

Para operacionalização desta pesquisa, criou-se uma situação problema; abordou-se, através de um debate em sala de aula, um tema da vida comum do aluno, para, por fim, produzir um documento do gênero textual “carta”. Dessa forma, pretende-se gerar aprendizado sobre como se produzir um texto formal, ressignificando o aprendizado através de uma situação problema.

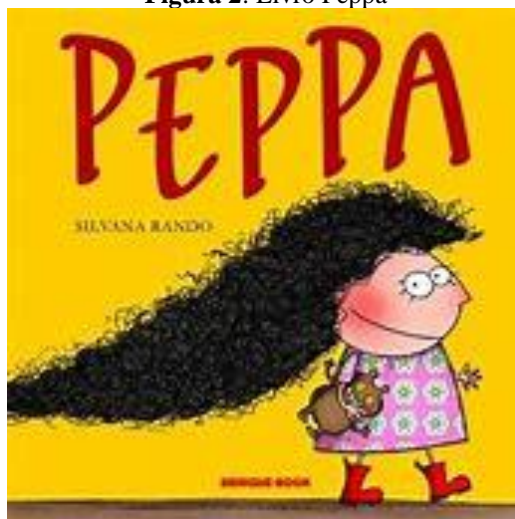
4 Metodologia de estudo

Para fins deste estudo, será realizado um relato de atividade realizada nas aulas de Linguagem, Tecnologia e Trabalho, nas unidades da Escola Técnica Parque da Juventude, uma das unidades administradas pelo Centro Paula Souza. Esta atividade ocorreu no primeiro semestre de 2019, nas turmas de primeiro módulo dos cursos técnicos em Administração e Serviços Jurídicos, na Extensão CEU Jaçanã, Biblioteconomia, na sede da escola e na turma de segundo módulo do curso técnico em Enfermagem, também na sede da escola.

Foi explorada uma situação-problema, que é “uma técnica de ensino que educa apresentando aos alunos uma situação que leva a um problema que tem de ser resolvido.” (DELISLE, 2000, p. 5).

A problematização surgiu a partir da polêmica em que a autor do livro infantil *Peppa*, de Rando (2009) se em envolveu em 2016. O livro traz a indicação na contracapa de que é apropriado para leitura com responsável a partir de 2 anos de idade e leitura autônoma a partir de 6 anos.

Figura 2: Livro Peppa



A obra foi eleita um dos 30 livros do ano pela Revista Crescer em 2010 e, após grande repercussão de vídeo “viralizado” na rede, terminou saindo de circulação em novembro de 2017.

O livro conta a estória de Peppa, uma menina branca de cabelos encaracolados que sentiu a necessidade de alisá-los. Ela junta suas economias, faz o alisamento, mas após tantas dificuldades em manter o cabelo liso, ela termina aceitando o seu cabelo como é.

Em 2016, um vídeo da *youtuber* Ana Paula Xangoni viralizou, com a resenha do livro nas redes sociais. O vídeo apresentava todo o seu descontentamento com a publicação, pois as ilustrações mostravam alicates para cortar os cabelos da protagonista; assim, a resenhista considerou o livro altamente racista. Ao final do vídeo, a *youtuber* convocou sua audiência a se movimentar no sentido de retirar a obra das escolas e pediu que sejam priorizadas e valorizadas publicações mais adequadas à luta da causa negra.

Figura 3: Ana Paula Xongani em vídeo Peppa, não



Para metodologia de aula, foram necessários dois encontros para realização da atividade proposta. No primeiro encontro, os alunos foram posicionados em roda, para realização da leitura do livro pela professora de forma mais imparcial possível, a fim de que eles aproveitassem a história. Após essa primeira leitura, a professora apresentou o vídeo com a resenha da *youtuber*.

Com a finalização do vídeo, a professora mediadora da atividade propôs a situação problema: os alunos deviam representar uma reunião como se fossem funcionários de uma rede de livrarias que possuía um enorme estoque desses livros. O objetivo da reunião era que a turma entrasse em consenso em relação à destinação desse estoque, após a polêmica gerada pela “viralização” do vídeo assistido.

Fatores editoriais, comerciais e a questão de o livro ter sido retirado de circulação não foram apresentados aos alunos, pois o objetivo da atividade era realmente verificar como eles resolveriam a problemática, caso estivessem vivenciando essa situação em seus postos de trabalho.

O tempo de discussão para o consenso de todos os membros da equipe (alunos) foi de trinta minutos. Após a finalização desse tempo, a professora contextualizou as questões necessárias para acalmar os ânimos, conforme necessário, já que em algumas turmas o debate tornou-se acalorado por conta das situações raciais apresentadas.

As aulas nos cursos técnicos ocorrem apenas uma vez por semana, então, com a finalização deste primeiro encontro, os alunos tinham o período de uma semana para descanso desta atividade.

No segundo encontro, a professora iniciou a aula reforçando a necessidade de documentação das atividades profissionais. Explicou como deve ser elaborada uma carta em contexto profissional, bem como regramentos do gênero textual; por fim, solicitou aos alunos que, individualmente, produzissem uma carta comercial, de próprio punho em folha de sulfite, contando para o presidente da rede de livrarias o resultado da reunião.

Após os dois encontros, o produto dessa atividade era a redação da carta. Posteriormente, a professora retornou aos alunos a carta por eles produzida para que pudessem verificar os pontos em que poderiam melhorar seus textos.

5 Resultados alcançados

Para se discutir os resultados alcançados, é necessário contextualizar os fatos ocorridos em todo o processo da atividade, ou seja, desde a apresentação do livro até a devolução dos textos comentados.

Em todas as salas, quando a história de *Peppa* foi apresentada aos alunos, através da leitura pela professora, não houve nenhuma reclamação em relação ao conteúdo apresentado. Algumas falas como: “que fofa” ou “que bonitinha” era trazidas nesse momento de leitura.

Ao final dessa primeira leitura, alguns alunos se mostram incrédulos em estarem sujeitos a contação de histórias de literatura infantil em pleno curso técnico, mas, mesmo com vontade de questionar o real objetivo da atividade, nenhum aluno se manifestou.

Quando o vídeo com a reflexão da *youtuber* foi apresentado, foi possível escutar algumas exclamações dos alunos no sentido de confirmarem seus desconfortos com a história apresentada, bem como alguns indicando que não tinham percebido nenhum tipo de racismo na leitura apresentada pela professora.

No momento em que a professora apresentava o motivo pelo qual eles estavam em roda e a problemática que eles deveriam resolver, alguns alunos se mostram desanimados. Os mais tocados com a temática racista logo tomam a frente na discussão e outros nem se manifestaram — processo que se repetiu em todas as turmas.

É importante indicar que, no momento em que as turmas conduziram as reuniões fictícias, a professora manteve-se fora da discussão, sem emitir opiniões a respeito do que se era falado. Neste momento, a professora apenas controlava o tempo, lembrando os alunos quanto ainda tinham para discutir e repetindo a necessidade de se entrar em consenso em relação à destinação do estoque de livros.

O caso em questão propiciava a discussão de muitos temas da atualidade, como: racismo, censura de livros, produção de conteúdo voltado para o público negro. Além deste aspecto, a atividade também propiciou a oportunização de desenvolvimento de habilidades, como: foco na discussão e gerenciamento de tempo para a conclusão do que foi pedido. Pôde-se observar, também, quais os alunos que se abstiveram de opinar, os que opinaram mais, os que conseguiam convencer os outros a seguirem sua opinião, os que conseguiam formar um pensamento crítico e se posicionar, os que dormiram; enfim, foi possível contextualizar a participação de todos os alunos fazendo um paralelo entre o que eles encenaram com uma reunião de trabalho em condições reais.

Tendo isso em mente, e como os ânimos poderiam se alterar, a professora se preparou lendo sobre os assuntos que podiam ser abordados para contextualização final. Isso é importante, pois os alunos esperam o que a professora tem a contá-los sobre o objetivo daquela discussão e, principalmente, para resolver as problemáticas geradas no calor da discussão.

Dessa forma, em todas as turmas, e após o consenso, a professora conduziu uma discussão sobre censura, postura comercial da empresa e, por fim, racismo. A professora também reforçou a questão de como uma reunião de trabalho deve ser conduzida; apresentou os dados de tempo em que eles demoraram para entrar em consenso, os condicionou a refletir sobre suas posturas na atividade e, por fim, deu a atividade por encerrada.

No segundo encontro ocorrido, uma semana após a discussão em sala de aula, a professora pediu que produzissem uma carta comunicando a decisão da sala ao diretor da empresa. Em todas as turmas, houve um choque — pois, os alunos não se recordavam ao certo sobre o que foi decidido. A professora não os auxiliou, mesmo tendo os resultados registrados, pois era necessário que eles soubessem como se portar em uma reunião de trabalho. Ressaltou-se que em uma prática profissional é muito comum que se realize registros de acontecimentos passados, principalmente de reuniões formais; portanto, cada um deveria ter seu próprio modo de registrar essas informações tais como ocorrido.

Em todas as salas, os alunos perguntavam uns aos outros qual era a decisão tomada, pois muitos apenas lembravam-se da discussão ocorrida. Alguns nem chegaram a participar do consenso, já que estavam interessados apenas em finalizar a aula; outros não estiveram presentes no primeiro encontro e perguntavam como realizariam a atividade. Para estes, a professora indicava que deveriam se portar como se tivessem faltado ao trabalho em um dia de uma reunião importante. A ideia sempre foi ressaltar a importância da postura em uma situação formal de trabalho.

Quando se davam por vencidos, e após questionarem-se uns aos outros, os que possuíam na memória o resultado transmitiam uns aos outros de forma que, finalmente, todos pudessem escrever suas cartas.

É importante relatar os consensos que as turmas chegaram em suas discussões, para após explorar a relevância dessa metodologia para o aprendizado do gênero textual “carta”.

Nas turmas de Serviços Jurídicos e Administração, os alunos entraram em consenso que os livros deveriam ser retirados de circulação e, por fim, serem incinerados.

Os alunos da turma de Enfermagem decidiram manter os livros em comercialização, com a ressalva de que a empresa (a livraria) deveria se posicionar, ao emitir uma resenha indicativa sobre a não concordância com a forma que a autora conduziu a questão do cabelo da personagem principal.

A última turma, Biblioteconomia, foi a única que, no desenrolar da discussão, descobriu que o livro fora tirado de circulação em 2017. Uma aluna pesquisou no *Google* no momento em que a discussão acontecia e trouxe a informação para a sala. Isso fez com que o resultado fosse o de manter a comercialização do estoque, alterando a faixa etária para indivíduos mais velhos; contudo, não fecharam a idade correta, apenas enfatizaram a necessidade de que a obra fosse vendida para discussões pedagógicas.

É importante ressaltar que essa discussão traz à tona a importância de como os alunos enxergam a informação a que estão submetidos. Como já tratado nos itens anteriores, as informações que circulam na internet levam as pessoas a formarem opiniões complexas, mesmo com pouco embasamento teórico. O fato de que muitos alunos decidam queimar ou reciclar livros, por conterem opiniões diferentes do que eles acreditam, é um fator sintomático da sociedade em que estão inseridos.

Como já dito, na primeira leitura, poucos alunos se mostram desconfortáveis com o texto apresentado. Após terem conhecimento da opinião da *youtuber* muitos alunos consideram o livro um mal a humanidade, sem se darem conta de que o diálogo a que estavam sendo expostos só foi possível justamente por conta da leitura do livro.

Outro fator relevante é que alunos do curso de Biblioteconomia sentiram-se confortáveis em estabelecer faixas etárias para apropriação do livro, mas em nenhum momento pensaram em realizar formações a partir da leitura do texto.

Já em relação aos textos apresentados, observou-se que as cartas produzidas tinham uma preocupação com a disponibilização das informações, respeitando o gênero textual e o uso da linguagem escrita formal. Houve, também, a necessidade de entender o que realmente foi

decidido, pois muitos alunos não prestaram atenção ao resultado, tendo focado mais na polêmica discutida do que o resultado em si.

Após correção das cartas, a professora devolveu os textos produzidos com o *feedback* para os alunos e, dessa forma, o ciclo de aprendizagem foi encerrado.

É importante ressaltar que muitos alunos não fazem uso de textos profissionais, mesmo os que já trabalham e muitos deles não entendem a importância de se documentar as ações realizadas no período laboral. A partir da resolução deste problema, foi mais fácil ressaltar essa importância, bem como a necessidade de prezar por uma postura profissional nas comunicações a que são submetidas em suas práticas diárias.

Além do produto da atividade ter um contexto de produção reforçado pela reunião, percebeu-se o envolvimento dos alunos em favor desse tipo de abordagem, inclusive perguntando quando seriam feitos outros debates; reforçou-se, principalmente, a necessidade de se discutir questões como racismo em sala de aula, mesmo em cursos técnicos.

6 Conclusões

Esta pesquisa teve por objetivo apresentar experiência de prática em sala de aula, ao utilizar a metodologia ativa de aprendizagem baseada em problemas nas aulas de linguagem, trabalho e tecnologia. Entende-se que o objetivo foi alcançado, já que a experiência retratada pode ajudar muitos professores na condução de seus conteúdos.

A pesquisa demonstra que o envolvimento do aluno e do professor na construção de conteúdos — entendidos como válidos para a realidade desse aluno — faz com que o aprendizado se dê de forma apropriada para o seu desenvolvimento não só profissional, mas que tenha impacto também em sua vida.

É importante ressaltar que propostas, como a descrita nesta pesquisa, exigem uma formação cultural do professor que nem sempre é possível com as exigências e rotinas que esse profissional tem em seu dia a dia; por isso, sugere-se um estudo sobre a formação cultural do professor no ensino técnico a fim de verificar os gargalos nessa perspectiva.

Além disso, aconselha-se aprofundamento nos estudos sobre gêneros textuais, voltados às novas tecnologias usadas no mercado de trabalho; deve-se abordar, principalmente, a teoria de multiletramentos, podendo-se realizar a mesma atividade com o uso de ferramentas tecnológicas para a formatação das cartas.

O processo desenvolvido, ao longo desse projeto de aprendizagem, tem apenas o inconveniente de necessitar de muitas aulas para a finalização deste conteúdo. Espera-se, assim, que a interdisciplinaridade possa trazer uma efetiva apropriação desse aprendizado.

Referências

ACUSAÇÃO de racismo faz autora tirar livro 'Peppa' de circulação. **G1**, 22 nov. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/acusacao-de-racismo-faz-autora-tirar-livro-peppa-de-circulacao.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2019.

BAKTHIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 6, de 20 de setembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 22, 21 set. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 07 set. 2019.

BECK, U. **Sociedade de Risco**: rumo a uma outra modernidade. Tradução Sebastião Nascimento. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

CALDAS, Edson. Como a Itambé superou a crise do achocolatado envenenado. **Época Negócios**, 21 out. 2016. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2016/10/como-itambe-superou-crise-do-achocolatado-envenenado.html>. Acesso em: 05 set. 2020.

DELISLE, R. **Como realizar a aprendizagem baseada em problemas**. Porto: ASA, 2000. DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. 7. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2012.

LIMA, Rodrigo da Silva. **Gêneros textuais no contexto da educação profissional**: diretrizes para o ensino. 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional) - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2018.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENINO, S. E. **Educação Profissional e Tecnológica na Sociedade do Conhecimento**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2014.

PEPPA NÃO! RESENHA. [*S.l.: s.n.*], 2016. 1 vídeo (6m23s). Publicado pelo canal Ana Paula Xongani. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI>. Acesso em: 17 abr. 2019.

PETEROSSI, Helena Gemignani; MENINO, Sérgio Eugenio. **A formação do formador**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2017.

RANDO, S. **Peppa**. São Paulo: Brinque-Book na Mochila, 2009.

RIBEIRO, Anna Gabriela. Mulher morta após boato em rede social é enterrada em Guarujá, SP. **G1**, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-morta-apos-boato-em-rede-social-e-enterrada-nao-vou-aguentar.html>. Acesso em: 05 set. 2020.

ROJO, R. **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013. SOBRE o Centro Paula Souza. **Centro Paula Souza**, 2020. Disponível em: <https://www.cps.sp.gov.br/sobre-o-centro-paula-souza/>. Acesso em: 25 jan. 2020.

STREET, B. V. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.